



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.42.118.A015>

Teorias da conspiração e psicologia: uma revisão sistemática

Conspiracy theories and psychology: a systematic review

Teorías de la conspiración y psicología: una revisión sistemática

Renan Silva de Sousa
Universidade Federal da Paraíba
<https://orcid.org/0000-0002-7439-4394>
tfcrenansilva@gmail.com

Ana Raquel Rosas Torres
Universidade Federal da Paraíba
<https://orcid.org/0000-0002-3161-0309>

Resumo

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura que objetivou analisar os estudos sobre as teorias da conspiração na área da psicologia publicados entre 2009 e 2023, a fim de desvelar quais os principais temas e contextos nos quais eles têm sido realizados. Para isso, analisamos os resumos dos estudos que têm as teorias da conspiração como marco teórico e publicados entre 2009 e 2023 em periódicos de psicologia. Os resultados mostram dois eixos analíticos: no primeiro estão temas associados a falsidade, desinformação, disputas narrativas e aspectos tipicamente relacionados a psicologia dos teóricos da conspiração que ajudam a definir as motivações desses indivíduos. No segundo, estão as teorias da conspiração da saúde relacionada a pandemia do COVID-19, bem como o planejamento metodológico que orienta os trabalhos. Em conjunto, os resultados apontam a importância de se entender as dinâmicas envolvidas na disseminação dessas teorias e a necessidade de investigações realizadas nas Américas do Sul e Central.

Palavras-chave: *Teorias da Conspiração, Psicologia, COVID-19.*

Abstract

This is a systematic literature review that aimed to analyse studies on conspiracy theories in the field of psychology published between 2009 and 2023, in order to reveal the main themes and contexts in which they have been carried out. To do this, we analysed the summaries of studies that have conspiracy theories as a theoretical framework and published between 2009 and 2023 in psychology journals. The results show two analytical axes: in the first there are themes associated with falsehood, disinformation, narrative disputes and aspects typically related to the psychology of conspiracy theorists that help to define the motivations of these individuals. In the second, there are health conspiracy theories related to the COVID-19 pandemic, as well as the methodological planning that guides the work. Taken together, the results point to the importance of understanding the dynamics involved in the dissemination of these theories and the need for investigations carried out in South and Central America.

Keywords: *Conspiracy Theories, Psychology, COVID-19.*

Resumen

Se trata de una revisión sistemática de la literatura que tuvo como objetivo analizar estudios sobre teorías de la conspiración en el campo de la psicología publicados entre 2009 y 2023, con el fin de revelar los principales temas y contextos en los que se han llevado a cabo. Para ello, analizamos los resúmenes de estudios que tienen como marco teórico las teorías de la conspiración y publicados entre 2009 y 2023 en revistas de psicología. Los resultados muestran dos ejes analíticos: en el primero se encuentran temas asociados a la falsedad, la desinformación, las disputas narrativas y aspectos típicamente relacionados con la psicología de los teóricos de la conspiración que ayudan a definir las motivaciones de estos individuos. En el segundo, se encuentran teorías de conspiración sanitaria relacionadas con la pandemia de COVID-19, así como la planificación metodológica que orienta el trabajo. En conjunto, los resultados apuntan a la importancia de comprender la dinámica involucrada en la difusión de estas teorías y la necesidad de investigaciones realizadas en América del Sur y Central.

Palabras clave: *Teorías de la Conspiración, Psicología, COVID-19.*

Introdução

Em 1998 a revista inglesa *The Lancet* publicou uma pesquisa preliminar com 12 crianças que desenvolveram comportamentos autistas. Todas elas tinham vestígios do vírus do sarampo e onze delas haviam tomado a vacina MMR que protege contra sarampo, rubéola e caxumba. Isso foi o suficiente para que os autores do estudo levantassem a possibilidade de um “vínculo causal” entre o autismo e essa vacina, a partir daí os índices de vacinação começaram a cair em todo o mundo (Donvan & Zucker, 2017). Essa situação se tornou ainda mais aguda durante a pandemia da COVID-19.

Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surto de coronavírus como uma emergência de saúde pública de importância internacional, considerado o mais alto nível de alerta. O vírus denominado de SARS-Cov-2, responsável por transmitir a doença, tem por característica a sua instabilidade e velocidade de disseminação. O que por sua vez, confere aos mecanismos sanitários governamentais desafios multifacetados (Lima et al., 2022). A pandemia do COVID-19 incitou a necessidade de se tomar medidas urgentes para conter a disseminação do vírus e, conseqüentemente, evitar o colapso dos sistemas de saúde. Nesse sentido, governantes de todo o mundo foram convocados a instaurar medidas sanitárias na busca de reduzir a contaminação em massa.

De acordo com Lima, et al., (2022), a experiência internacional descreve algumas estratégias, consideradas eficientes, para o achatamento da curva de contaminação e alargamento da assistência aos casos positivos: a) testagem massiva dos casos suspeitos aliada à entrega rápida dos resultados; b) promoção do isolamento domiciliar imediato quando da identificação dos portadores da doença; c) promover a proteção dos profissionais de saúde e qualificação e disponibilização de profissionais assistenciais para o monitoramento e para a implantação de estratégias de controle comunitário. Medidas que se soma à vacinação em massa para o combate e controle da doença.

Nesse contexto, a sociedade passou a adotar novos comportamentos que, em muitos casos, eram diametralmente opostos ao *modus operandi* capitalista e a compreensão da saúde enquanto mercadoria. A comunidade científica e de imunologia passou a recomendar que os governos adotassem políticas de distanciamento social e de *lockdown* para evitar a disseminação do vírus. Com essas medidas, as pessoas pararam

de circular nas ruas e passavam a maior parte do seu tempo dentro de casa. A humanidade teve que se adaptar a essa nova configuração de existir. Sem a dinamicidade da vida em coletivo, essas medidas causaram um impacto significativo na vida e na saúde mental das pessoas. Reuniões remotas, escolas fechadas, aulas por videoconferência, mudanças abruptas nos postos de trabalho físico/presencial para o trabalho virtual/remoto, etc., foram as principais medidas tomadas a fim de controlar a disseminação em massa e ganhar tempo para combater o vírus (Moser & Yared, 2021).

Essa configuração de modo de existir suscitava por uma terapêutica capaz de restaurar a “normalidade”. Com isso, as vacinas ganhavam ainda mais importância no combate ao vírus e no reestabelecimento das relações econômicas.

O Brasil, por muito tempo, foi um Estado modelo mundial no controle de doenças imunopreveníveis, sendo o Programa Nacional de Imunizações (PNI), criado em 1973, antes da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), um ator determinante nessa consolidação (Domingues et al., 2019). No entanto, antes mesmo da crescente onda de negacionismo científico e dos obstáculos ideológicos contra a vacinação empregados pelo governo brasileiro durante a pandemia (Peixoto et al., 2022), o país já passava por um momento delicado em sua história no que se refere à cobertura vacinal (Barbosa, 2020). De acordo com Barbosa (2020), os casos de doenças que já foram consideradas erradicadas no país, como o Sarampo, por exemplo, vem aumentando gradativamente desde 2018. Além disso, esse autor argumenta que as notícias falsas disseminadas na sociedade reforçam a recusa vacinal e auxiliam no agravamento do problema.

Destarte, o número de pessoas que aderem as campanhas de vacinação vem caindo de modo alarmante. O Ministério da Saúde buscou combater essa queda em 2019 com o “Movimento Vacina Brasil”, que tem como objetivo: mobilizar os três níveis de gestão e diversos setores da sociedade brasileira para alertar sobre a importância da vacinação como principal medida de controle de doenças imunopreveníveis. (Domingues et al., 2019). Mas, ainda assim, há a necessidade de se construir novas estratégias capazes de reinserir o Brasil em um lugar de destaque no combate e controle de doenças imunopreveníveis.

Diante desse cenário de incertezas com relação a eficácia da vacina e ao seu tempo de produção e distribuição, uma enxurrada de “teorias” surgira para “explicar” a origem do vírus, bem como, a posteriori, já com um viés ideológico, para alarmar as pessoas

acerca dos efeitos colaterais das vacinas que se apresentavam, até aquele momento, enquanto funcionais no combate aos sintomas da doença.

Assim, ouviu-se que o vírus havia sido criado em um laboratório na cidade de Wuhan, na China, e solto propositalmente para contaminar toda a humanidade. A justificativa para isso variava desde a ânsia da China em controlar o mundo por meio da implantação de chips que estariam escondidos nas vacinas até os interesses econômicos dos grandes laboratórios farmacêuticos. Foram tantas “teorias” que é quase impossível listar todas elas (Prichard & Christman, 2020; Šrol et al., 2022; Zhai & Yan, 2022).

Mas por que as pessoas, em pleno século XXI, ainda resistem em se vacinar? Para Lopes et al. (2021) uma das hipóteses para a recusa à vacinação é o crescimento das “teorias da conspiração” que questionam a validação e a importância das vacinas no Brasil e no mundo, como aconteceu no caso da suposta relação causal entre autismo e a vacina MMR e durante a pandemia da COVID-19. Essas teorias têm ganhado força, dentre outros fatores, devido à popularização das redes sociais e o crescente debate e cooptação política em torno dessas temáticas. Nesse sentido, é importante conceituar: o que é uma “teoria da conspiração”?

McKenzie-McHarg (2018), após análise jornalística, argumenta que o termo “teoria da conspiração” remonta ao século XIX com o debate acerca da objetividade na imprensa. No entanto, o modo segundo o qual compreendemos este, no plural, “teorias da conspiração”, como uma tentativa de emular uma compreensão cientificista e abrangente é mais recente. Ou seja, as teorias da conspiração que versam sobre temas variados, que vai desde a conspiração para assassinar um presidente da república, até a conspiração de um *inside job* para o 11 de setembro, é uma compreensão holística e mais recente do termo. Para ele, o termo “teoria” confere às explicações um status de cientificismo as narrativas que carece de dados objetivos da realidade e que fundamentem essas arguições.

Para Douglas et. al. (2019), as teorias da conspiração são definidas como tentativas de explicar as causas de eventos e circunstâncias, sociais e políticas, com alegações de conspiração secreta por dois ou mais atores poderosos. Nesse sentido, as teorias se propõem a produzir explicações que estejam imbricadas em uma rede secreta de conspiração constituída por mais de um ator poderoso.

Objetivos

Diante do exposto até o momento e a partir da proliferação e rápida divulgação de teorias da conspiração sobre os mais variados temas, nos perguntamos como a psicologia tem estudado as teorias da conspiração? Assim sendo, o objetivo deste trabalho é apresentar uma revisão sistemática de estudos sobre as teorias da conspiração publicados na área da psicologia durante o período de 2009 a 2023.

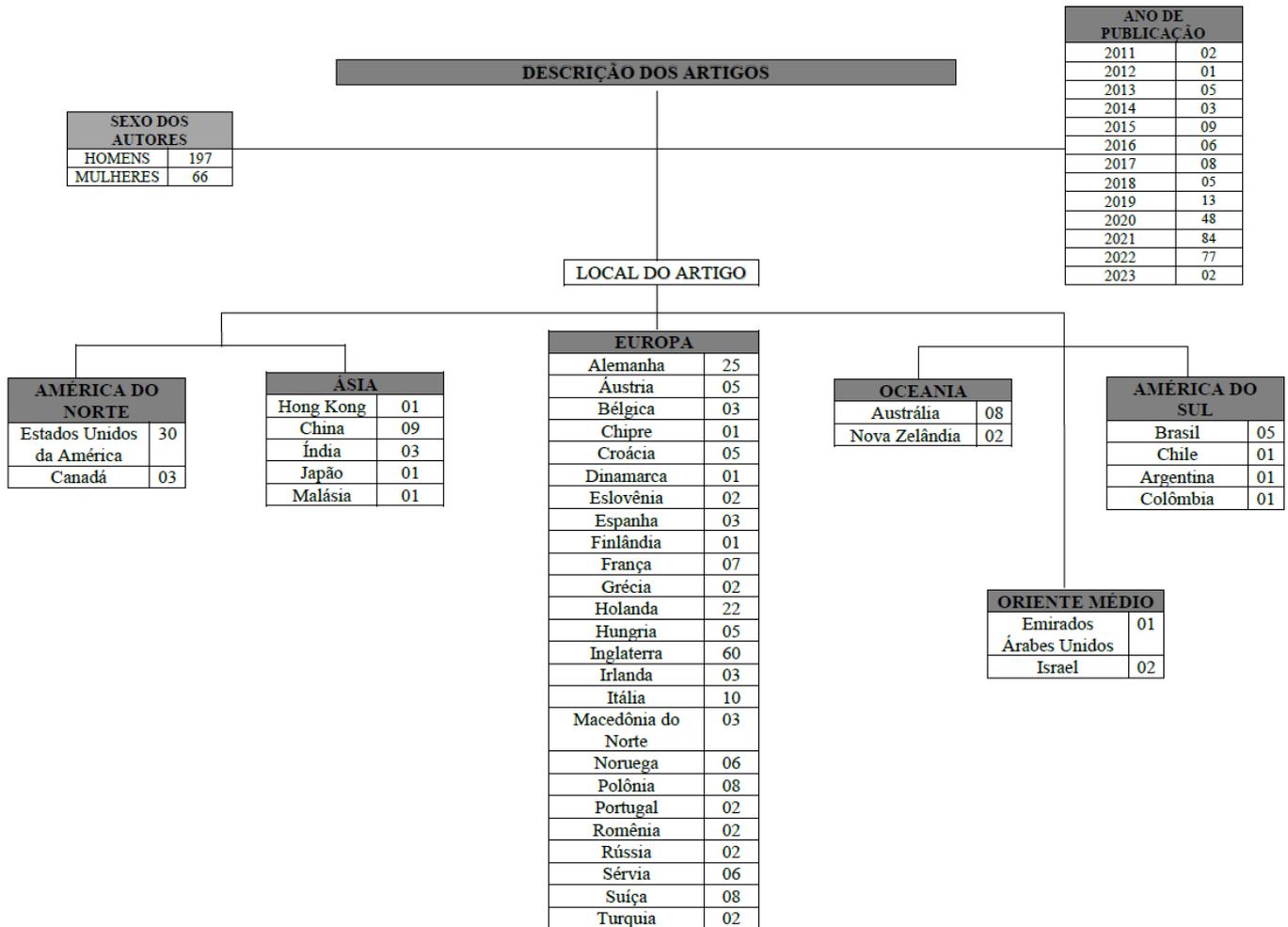
Método

Para alcançar o objetivo proposto, realizou-se uma revisão da literatura. Revisões da literatura são estudos que buscam fazer uma síntese da literatura vigente, identificar o estado da arte sobre determinado tema e conhecer as principais lacunas sobre ele. Casarin et al. (2020) definem a revisão sistemática da literatura como o “estudo retrospectivo com dados secundários e objetiva sintetizar evidências sobre um problema/tema específico analisando publicações com dados primários de pesquisa” (p. 01).

Aqui vale destacar que na busca inicial realizada nas bases dados Scopus, LILACS e SciELO, não foi encontrado nenhum estudo realizado na América Central e Caribe. Na América do Sul foram encontrados oito, sendo um na Argentina (Sy & Lopresti, 2022), um na Colômbia (Andrade, 2021), um no Chile (Baeza-Rivera et al., 2021) e cinco no Brasil. No Brasil temos o estudo de Rezende et al. (2021) sobre o desenvolvimento de instrumentos para avaliar crenças em teorias conspiratórias e trabalhos relacionados à pandemia do COVID-19, como a disseminação de notícias falsas (Waisbord, 2020; Wolter et al., 2021), discurso de ódio (Sy & Lopresti, 2022) e a relação entre medicamentos com evidência não comprovada com líderes da extrema direita durante o período pandêmico (Casarões & Magalhães, 2021). A título de comparação, temos 194 estudos realizados na Europa, 33 na América do Norte, 10 na Austrália e Nova Zelândia e 18 na Ásia e Oriente Médio, totalizando os 263 estudos que formaram o *corpus* analisado. A descrição dos artigos está ilustrada na Tabela 1.

Tabela 1

Descrição dos artigos (sexo dos autores, ano de publicação e local do artigo)



Essa revisão sistemática utilizou-se do método *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* – PRISMA 2020, que fornece um conjunto de orientações atualizadas para relatórios de revisões sistemáticas que refletem os avanços nos métodos para identificar, selecionar, avaliar e sintetizar os estudos (Page et al., 2022).

Conduziu-se uma busca nas bases de dados: Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) que indexam periódicos científicos do Brasil, América Latina e Caribe e que abordam temas de diversas áreas de conhecimento, como por exemplo, Ciência Sociais, Ciências da Saúde e Psicologia. Além disso, utilizou-se a base de dados Scopus (*SciVerse Scopus*), considerada uma das bases com maior relevância internacional na área de Psicologia e que aborda pesquisas geridas pela *American Psychological Association* (APA) que, por sua vez, fornece acesso a ferramentas métricas de análise de citações dos artigos como o *Journal Citation Report* (JCR).

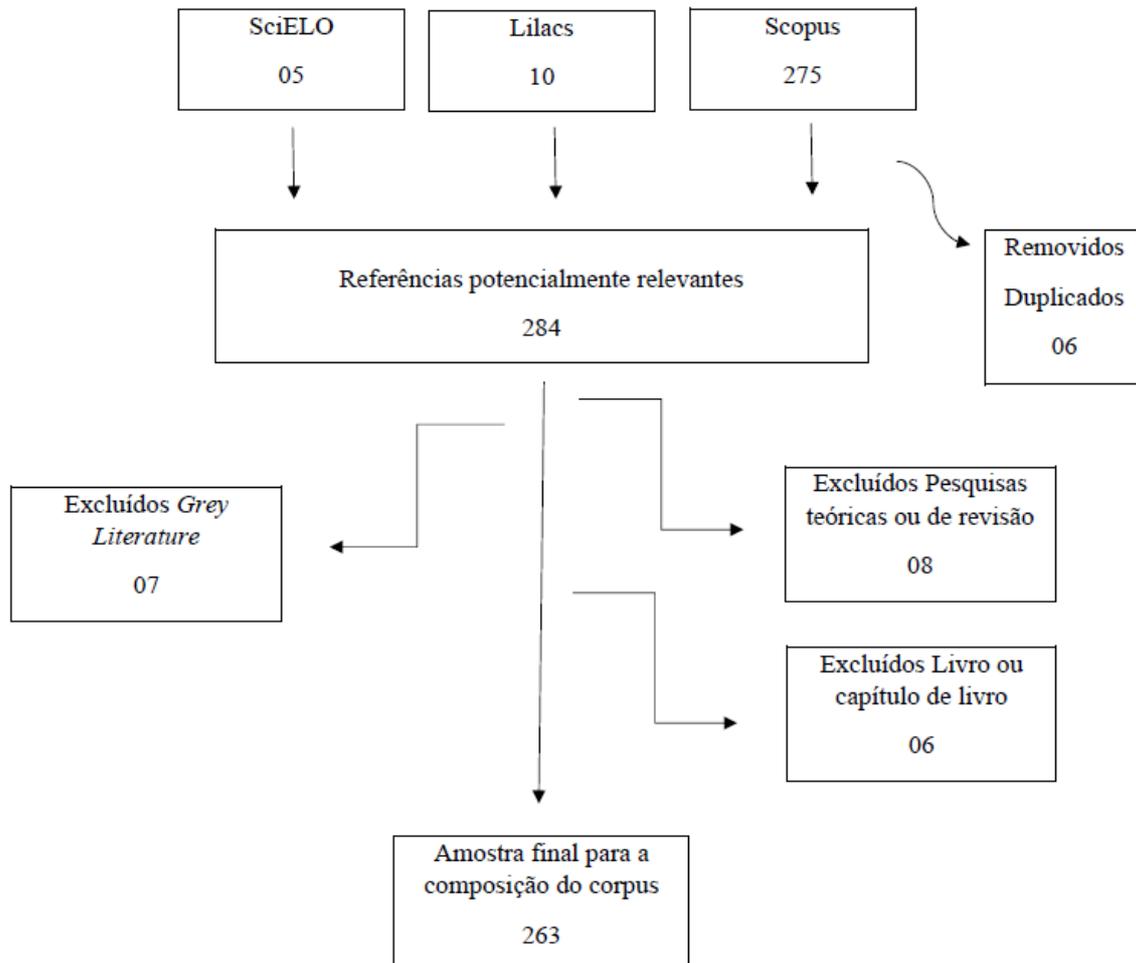
Os descritores utilizados com auxílio dos operadores booleanos (*and e or*) foram “teorias da conspiração” e sua tradução em inglês (*theories of conspiracy*), termos amplos o suficiente para apreender o fenômeno de interesse, empregados nas bases de dados acima. É preciso ressaltar que, ao realizar esse processo de pesquisa, utilizou-se alguns filtros para refinar a busca. Assim, no primeiro momento, os filtros utilizados referiram-se aos anos dos trabalhos publicados, sendo o período de corte escolhido para a seleção dos estudos de janeiro de 2009 a março de 2023. Esse recorte de tempo foi escolhido por propor um olhar para os arranjos políticos pós-crise financeira de 2008: eleição de Barack Obama para presidente os Estados Unidos da América e reeleição de Luís Inácio Lula da Silva para o seu segundo mandato na presidência do Brasil. Elementos importantes na política mundial da última década em comparação ao que se sucedeu com o crescimento da extrema direita e discursos de ruptura institucional. Em seguida, o filtro utilizado nas bases de dados foi relativo a artigos publicados em revistas de psicologia.

Foram encontrados: dez estudos publicados na Lilacs, cinco na SciELO e 275 na Scopus, totalizando 290 produções (ver Tabela 02). Desses, seis trabalhos estavam duplicados entre as bases de dados, permanecendo 284 referências potencialmente relevantes para análise seguindo os critérios de inclusão e exclusão. Os artigos foram analisados por dois juízes de acordo com os seguintes critérios de inclusão: a) ser um artigo que versa sobre teorias da conspiração; b) estar dentro de um periódico de psicologia; c) ter sido publicado após 2009. Na escolha dos trabalhos pré-selecionados, foram retirados 21 trabalhos com base nos seguintes critérios de exclusão: a) resumos de produções científicas não veiculadas nos meios usuais de publicação, como teses e dissertações (*grey literature*); b) livro ou capítulo de livro publicado e c) pesquisas teóricas ou revisão de literatura.

Assim, o *corpus* foi composto apenas por artigos contidos na base de dados Scopus, Lilacs e SciELO. Nesse momento, participaram da avaliação dois juízes e um terceiro para casos de desempate. A amostra final totalizou 263 artigos, como está descrito na Tabela 2.

Tabela 2

Fluxograma da estratégia de busca e processo de seleção dos artigos



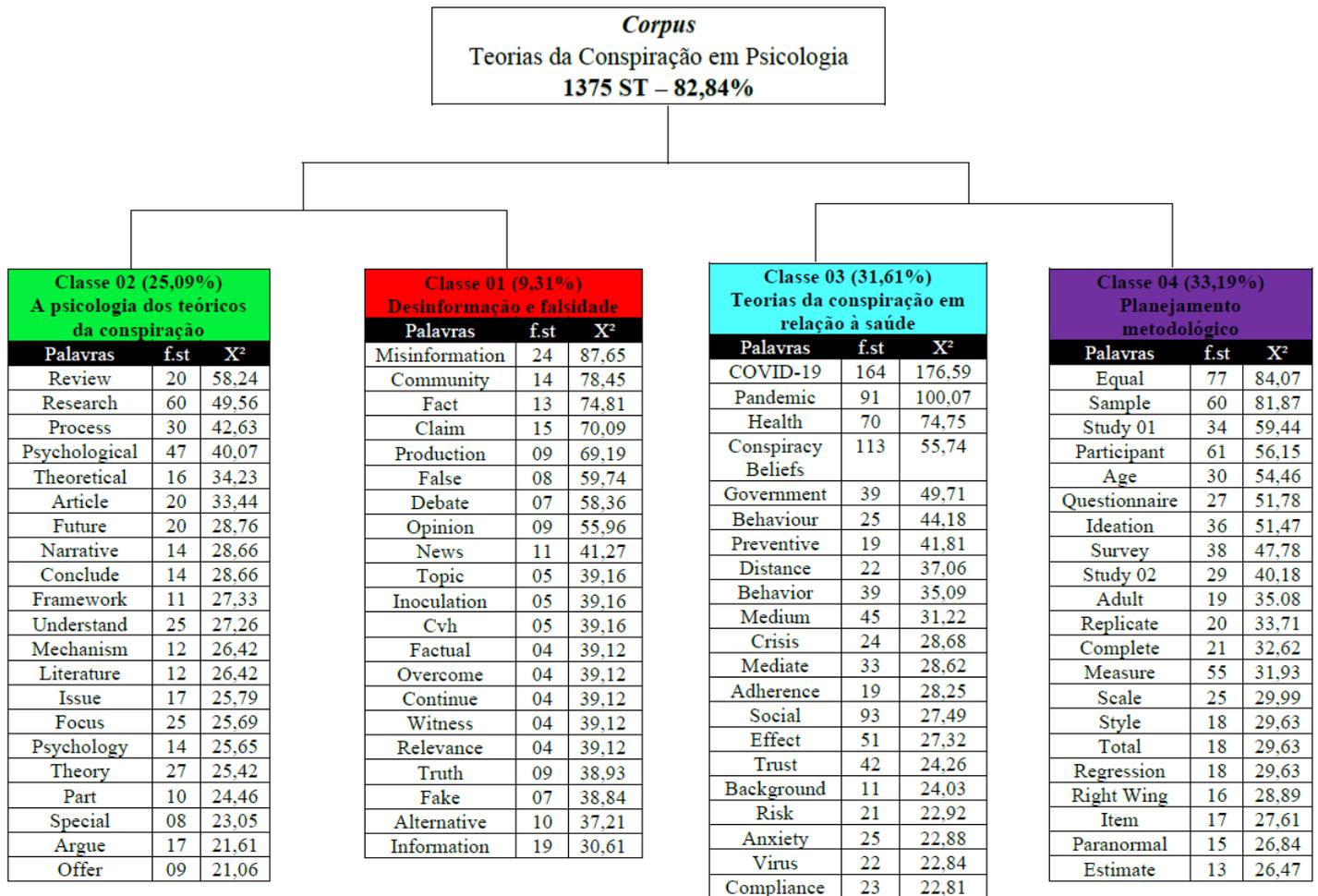
Para a constituição e organização do *corpus* foi utilizado o programa *Zotero*. Este *software* é um gerenciador de referências bibliográficas de código aberto e um arquivador de documentos. É um programa que pesquisa, armazena e organiza as referências bibliográficas obtidas em bases de dados credenciadas (Yamakawa, et al., 2014).

A análise dos dados foi realizada por meio do *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), um *software* gratuito desenvolvido pelo *open source*, licenciado pela GNU GPL (v2) que se ancora no ambiente estatístico do *software* R e na linguagem *python* (Camargo & Justo, 2013). Os trabalhos foram submetidos a análise da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) (ver Tabela 3) que classifica os segmentos de texto em função dos seus respectivos vocabulários, sendo o conjunto deles repartidos em frequência das formas reduzidas.

Nesse sentido, a partir dessas análises, o *software* organiza os dados em um dendrograma que demonstra as relações entre as classes formando contextos semânticos ou campos lexicais (Camargo & Justo, 2013).

Tabela 3

Classificação Hierárquica Descendente (CHD)



Resultados e Discussão

Classe 1: Desinformação e Falsidade

Embora seja a menor classe, 9,3% dos fragmentos de texto, a Classe 1 foi formada na primeira partição do *corpus* e a “Desinformação e falsidade” foi a sua temática geral. Suas palavras mais características foram: desinformação ($\chi^2 = 87,65$), comunidade ($\chi^2 =$

78,45), fato ($\chi^2 = 74,81$), alegar ($\chi^2 = 70,09$), produção ($\chi^2 = 69,19$), falso ($\chi^2 = 57,74$), debate ($\chi^2 = 58,36$), opinião ($\chi^2 = 55,95$), notícias ($\chi^2 = 41,27$). Nesse sentido, a classe apresenta a possibilidade de discutir os trabalhos de teorias da conspiração a partir das noções de desinformação e falsidade, que são elementos importantes no debate teórico acerca desse tema (Xiao, et al., 2021).

Houve uma predominância, portanto, em tratar as questões relacionadas a teorias da conspiração a partir da ótica de desinformação, como é possível observar no fragmento a seguir: *“Since the beginning of the COVID-19 pandemic, misinformation has been circulating on social media and multiple conspiracy theories have since become quite popular.”* (Xiao, et al., 2021). Os segmentos de texto da classe apresentavam uma quantidade significativas de resumos abordando os elementos relativos às consequências da falsidade e a da desinformação para as pessoas que consomem essas “teorias” (Coninck, et al., 2021; Lazić & Žeželj, 2021; Rutjens, et al., 2021). Estas são características centrais dessa temática, o que não surpreende.

Sendo as teorias da conspiração tentativas de explicar as causas de eventos e circunstâncias significativas, sociais e políticas, com alegações de conluio secreto (Douglas et. al., 2019), elas pretendem conceder orientação ao indivíduo frente a um elemento de desconforto, apartado de qualquer discussão acerca da verdade. Nesse sentido, um aspecto importante na formação dessas “teorias” são as discussões entre verdade e “pós-verdade” e a disputa de narrativas com versões oficiais e extraoficiais, o que está refletido nessa classe.

Para Cruz Junior (2019), o conceito de “pós-verdade” ainda carece de consenso na literatura. Isso se deve ao seu caráter multifacetado e interdisciplinar que aciona domínios da política, psicologia, comunicação, educação e filosofia. McIntyre (2018) argumenta que a “pós-verdade” é um conceito em constante discussão, formado por uma complexa rede de temáticas, onde identifica-se fenômenos como: negacionismo científico, polarização política, vieses cognitivos, mídias sociais, big data, bolhas on-line e pós-modernidade. Cruz Junior (2019) acrescenta ainda que a “pós-verdade” seria uma alteração na percepção e no comportamento das pessoas, no sentido de uma perda da primazia da verdade como um princípio estruturante da sociedade. Isso quer dizer que, a realidade passa a ser vista como uma esfera elusiva, sinuosa, com perspectivas divergentes de grupos heterogêneos.

Para Paula et al., (2018) há uma relação intrínseca entre pós-verdade e *fakenews*, que tem por objetivo evocar sentimentos nos leitores/ouvintes com o intuito de fabricar uma revolta relativa à entidade/pessoa que está sendo deslegitimada. Nesse caso, o alvo dos sentimentos provocados por essas notícias são os “conspiradores” que atuam contra os nossos interesses. No entanto, esses autores ressaltam também que há uma diferença primordial entre *fakenews* e pós-verdade que está na necessidade de apresentar fatos verídicos. Enquanto a pós-verdade busca apelar para aspectos emocionais de uma narrativa realista as *fakenews* não possui esse compromisso.

Assim, com uma sociedade que, cada vez mais, questiona a “verdade” e o saber científico, as teorias da conspiração aparecem como respostas. Destarte, faz-se necessário uma discussão a respeito de como a disseminação de teorias conspiratórias pode levar à erosão da confiança na comunicação oficial e como é importante promover a educação crítica e fornecer informações precisas para o combate a desinformação (Musolff, 2022).

Classe 2: A Psicologia dos Teóricos da Conspiração

No mesmo eixo e com uma maior frequência, 25,9% dos fragmentos de texto, a Classe 2 foi formada na primeira partição do *corpus* e a “A psicologia dos teóricos da conspiração” foi a sua temática geral. Suas palavras mais características foram: análise ($\chi^2 = 58,24$), processo ($\chi^2 = 42,63$), psicológico ($\chi^2 = 40,07$), teórico ($\chi^2 = 34,23$), artigo ($\chi^2 = 33,44$), futuro ($\chi^2 = 28,76$), narrativa ($\chi^2 = 28,66$), estrutura ($\chi^2 = 27,33$), mecanismo ($\chi^2 = 26,42$), psicologia ($\chi^2 = 25,65$), teoria ($\chi^2 = 25,42$). Observa-se que essa classe permite uma discussão a partir das características psicológicas predominantes nos divulgadores das teorias da conspiração.

Há na classe uma predominância de temas relacionados a fatores existenciais, cognitivos, emocionais e de identidade social dos indivíduos que propagam e acreditam em teorias da conspiração (Amanzio et al., 2020; Franks et al., 2017). Os trabalhos aqui presentes tratam da racionalidade, ou irracionalidade para alguns, que dão as bases psicológicas e existências dos “teóricos” da conspiração. Nesse sentido, estão no bojo da discussão aspectos relacionados: a) o que leva as pessoas a acreditarem em teorias da conspiração (Schöpfer et al., 2023) b) o que leva as pessoas a questionarem descobertas científicas (Rutjens et al., 2021) e c) como se definem as características das pessoas que acreditam em teorias da conspiração (Wood & Douglas, 2015). Dito de outra forma, esta

classe trata das características psicossociais das pessoas com uma maior adesão as teorias da conspiração e as estratégias utilizadas para endossar ou refutar essas teorias.

Douglas et al., (2017, p. 538), após revisão da pesquisa corrente acerca do tema, argumentam que a crença em teorias da conspiração pode ser compreendida por motivos que são caracterizados como a) epistêmicos, relativos à “compreensão do ambiente”; b) existenciais, alusivo ao sentimento de “estar seguro e no controle do ambiente” e, por fim, c) sociais, que estão relacionados a manutenção de “uma imagem positiva de si mesmo e do grupo social”. Essa taxionomia deriva da teoria de justificação do sistema de Jost et al., (2008), que de acordo os autores “*serves as a useful heuristic to classify the motives associated with conspiracy belief*” (p. 539).

As motivações epistêmicas fornecem para os indivíduos explicações internamente consistentes que permitem às pessoas preservarem suas crenças mediante as incertezas e contradições existentes no mundo. De acordo com van Prooijen e Jostmann (2012), as condições de incerteza aumentam a adesão às crenças nas teorias da conspiração. E parecem mais forte quando as pessoas percebem padrões na aleatoriedade (van Prooijen, et al., 2017).

Estudos apontam também que, as pessoas mais propensas a aderirem a essas “teorias”, possuem a necessidade de fechamento cognitivo (Leman & Cinnirella, 2013) e superestimam a sua capacidade de compreender fenômenos sociais complexos (Vitriol & Marsh, 2018). Esses estudos também demonstram a associação positiva entre o sentimento de tédio e crenças na conspiração (Brotherton & Eser, 2015). Há, também, uma tendência para atribuir “ação” a coisas que não existem ou que são improváveis que existam, e isso é um importante preditor de crenças conspiratórias (Douglas, et al., 2015).

No que se refere às motivações existenciais, a adesão às teorias da conspiração pode ocorrer quando as necessidades existenciais dos sujeitos são ameaçadas (Douglas et al., 2019). Assim, elas podem estar associadas ao sentimento de impotência (Abalakina-Paap et al., 1999) e ansiedade (Grzesiak-Feldman, 2013); a falta de controle no domínio sócio-político (van Prooijen & Acker, 2015); inquietação pessoal, falta de compreensão do mundo social, anomia e alienação do sistema político (Abalakina-Paap et al., 1999; Bruder et al., 2013), bem como a percepção das dificuldades financeiras e econômicas (Parsons et al., 1999). Destarte, as crenças da conspiração podem conceder as pessoas a possibilidade de chegarem a um acordo com alguns questionamentos

específicos, protegendo-as das ameaças do sistema social em que vivem (Douglas et al., 2019).

Por fim, no que se refere às motivações sociais, Douglas et al., (2019) argumentam que as pessoas buscam manter uma imagem positiva de si mesmo (Cichocka et al., 2016). Sendo assim, as teorias da conspiração, podem, em última instância, ajudar as pessoas a manterem essa imagem. Como, por exemplo, manter uma imagem de si exagerada acompanhada pela necessidade de validação externa (Cichocka et al., 2016); uma necessidade de sentir-se único em relação aos outros indivíduos (Imhoff & Lamberty, 2017; Lantian et al., 2017); as pessoas que acreditam em teorias da conspiração possuem a necessidade de se manterem positivas com relação ao seu grupo, principalmente quando essas pessoas acreditam que essa imagem está sendo ameaçada e quando possuem a convicção de que as outras pessoas, dos outros grupos, conspiram contra elas (Uscinski & Parent, 2014).

No entanto, não é completamente irracional que grupos historicamente desfavorecidos acreditem que grupos dominantes estejam conspirando contra eles (Davis et al., 2018; Thomas & Quinn, 1991). Alguns estudos demonstram que as pessoas são mais propensas a acreditarem em teorias da conspiração quando o seu grupo é formado por pessoas que já sofreram assédio policial ou discriminação racial (Parsons, et al., 1999). As situações de crise e ameaças situacionais, como por exemplo, durante a pandemia da COVID-19, também podem aumentar a probabilidade de forte apego ao grupo para fomentar crenças conspiratórias (Kofta, et al., 2011; Mashuri & Zaduqisti, 2014; van Prooijen & Douglas, 2017). Essa compreensão refletiu-se na Classe 3.

Classe 3: Teorias da Conspiração em Relação à Saúde

Após o surto pandêmico do COVID-19, a humanidade desenvolveu e aprimorou habilidades sociais para lidar com as consequências de uma pandemia viral (Silva, 2021). Nesse sentido, o debate narrativo acerca da pandemia do COVID-19 proporcionou uma quantidade significativa de argumentos conspiracionistas (Imhoff & Lamberty, 2020). Aqui duas classes dividem o mesmo eixo, a primeira delas é a Classe 3, a segunda maior classe do *corpus* com 31,6% dos fragmentos de texto. Essa classe foi formada na segunda partição do *corpus*. As “Teorias da conspiração em relação a saúde” formam a classe de modo mais evidente. As palavras mais característica da classe são: COVID-19 ($\chi^2 =$

176,59), pandemia ($\chi^2 = 100,07$), saúde ($\chi^2 = 74,75$), crenças de conspiração ($\chi^2 = 55,74$), governo ($\chi^2 = 49,71$), comportamento ($\chi^2 = 44,18$), preventivo ($\chi^2 = 41,81$), distância ($\chi^2 = 37,6$), crise ($\chi^2 = 28,68$), social ($\chi^2 = 27,49$), entre outras.

Desde 2020 o número de estudos referente a crise sanitária mundial disparou, colocando o debate acerca das medidas de segurança sanitária e os métodos governamentais para a contenção do vírus no cotidiano humano e na agenda mundial. Os trabalhos abordados nessa classe demonstram isso e estão no campo narrativo que levam a uma série de argumentações contrárias ou favoráveis às medidas tomadas pelos governos e colocam as agências governamentais como o ator principal das teorias da conspiração (Imhoff & Lamberty, 2020; Juanchich et al., 2021; Musolff, 2022). Nesse sentido os comportamentos protetivos, como o uso de máscara, o distanciamento social e a difusão de práticas de higiene individual promovidos pelos governos mundiais, foram e são contestadas por parte dos “teóricos” da conspiração, bem como a origem do vírus (Constantinou et al., 2021; Musolff, 2022; Prichard & Christman, 2020).

Como já mencionamos, em tempos de crise as teorias da conspiração florescem, e conseqüentemente, ganham mais adeptos. Assim, inúmeras estratégias para o enfrentamento da pandemia, adotadas por esse público, estão baseadas em pensamentos conspiratórios, como demonstram Imhoff & Lamberty (2020). Para esses autores, essas pessoas representam um problema para o controle da disseminação da pandemia do COVID-19, um vírus respiratório com alta taxa de disseminação (Lima, 2020). De acordo com Latkin et al., (2021), algumas pessoas são céticas com relação a existência da doença ou até mesmo da gravidade dela. Esses autores ainda acrescentam (p. 7918) “*COVID-19 skepticism can be conceptualized as the denial of the seriousness of the illness and the perception that the pandemic is overblown or a hoax*”.

As teorias da conspiração referente a origem do vírus SARS-Cov-2 são as mais difundidas nas redes e, conseqüentemente, aparecem nas pesquisas mais recentes. A ideia do vírus feito em um laboratório chinês com a intenção deliberada de controle populacional ou de dominação econômica são também relatos recorrentes entre os teóricos da conspiração e estão presentes nos estudos (Prichard & Christman, 2020; Šrol et al., 2022; Zhai & Yan, 2022).

Em última instância, os estudos referendam a percepção geral dos “teóricos” da conspiração, pois eles defendem que a China foi a principal responsável pela

disseminação do vírus (Prichard & Christman, 2020; Šrol et al., 2022; Zhai & Yan, 2022). Aprofundando essa representação, há dentro dela nuances que também foram exploradas nos estudos, como por exemplo, o preconceito racial contra chineses e atribuição de causalidade com relação a disseminação do vírus (Šrol et al., 2022).

Šrol et al., (2022), argumentam que um dos apelos para os teóricos da conspiração, em tempos de crise é, justamente, buscar um culpado, responsável pela crise. Com isso, eles especulam aumentar a desconfiança, a hostilidade e os sentimentos negativos contra os grupos considerados responsáveis. Ainda sobre essa hostilidade, os autores colocam que as pessoas que apoiam crenças conspiratórias sobre a COVID-19, tendem a considerar os protestos violentos contra as redes 5G justificados, e argumentam estar muito mais dispostos a dar a sua contribuição nos protestos.

Os estudos também demonstram pesquisas realizadas junto a população chinesa a fim de compreender o papel da identificação grupal e o favorecimento endogrupal na atribuição de causalidade na disseminação do vírus (Wang et al., 2021).

Classe 4: Planejamento Metodológico

No mesmo eixo da classe anterior e com uma maior frequência em todo o *corpus*, 33,2% dos fragmentos de texto, a Classe 4 foi formada na segunda partição do *corpus* e o “Planejamento metodológico” foi a sua temática geral. Suas palavras mais características foram: igual ($\chi^2 = 84,07$), amostra ($\chi^2 = 81,87$), estudo 01 ($\chi^2 = 59,44$), participante ($\chi^2 = 56,15$), idade ($\chi^2 = 54,46$), questionário ($\chi^2 = 51,78$), ideiação ($\chi^2 = 51,47$), enquete ($\chi^2 = 47,78$), estudo 02 ($\chi^2 = 40,18$), adulto ($\chi^2 = 35,08$), replicar ($\chi^2 = 33,71$), completo ($\chi^2 = 32,62$), medir ($\chi^2 = 31,93$), entre outros. Nessa classe estão os objetivos, as hipóteses, a descrição dos estudos e dos participantes, os métodos que serviram para a investigação e os resultados das pesquisas. Nessa classe, portanto, estão os conteúdos estruturais e metodológicos na formação dos artigos que compõem o *corpus* analisado.

Os participantes descritos nos estudos, em sua maioria, são oriundos da população geral dos países nos quais os estudos foram realizados ou pessoas que acreditam e propagam teorias da conspiração. No entanto, há algumas características que foram ressaltadas, como por exemplo, a nacionalidade (estadunidenses, canadenses (Leibovitz et al., 2021), britânicos (Cookson et al., 2021), franceses (Bertin & Delouée, 2021),

australianos (Marques et al., 2021), alemães (Rudloff et al., 2022), romenos (Maftai & Holman, 2020), húngaros (Orosz et al., 2016), russos (Egorova et al., 2020) e venezuelanos (Andrade, 2021) entre outros. Outra característica ressaltada é o status de estudante (Andrade, 2021; Cookson et al., 2021; Egorova et al., 2020; Swami et al., 2014).

Em muitos casos os participantes foram recrutados e responderam questionários de forma online. Isso se deve também ao fato de que durante o período pandêmico os pesquisadores não podiam realizar coletas presencialmente (Coninck, et al., 2021; Latkin et al., 2021; Loretto et al., 2021). Em alguns desses casos o *MTurk* (*Amazon Mechanical Turk*) e *Prolific* foram utilizados para a coletar os dados (Latkin et al., 2021; Newman et al., 2022). No que diz respeito a idade dos participantes, como aparece com predominância na classe, os adultos foram a faixa etária mais abordada pelos pesquisadores (Coninck, et al., 2021; Pavela Banai et al., 2021).

Considerações finais

Para Douglas et al., (2017), as teorias da conspiração têm atributos que as diferencia de outros tipos de explicações casuais. Para eles, essas “teorias” são especulativas, complexas e resistentes a falsificação. São especulativas em diferentes graus porque postulam ações que estão “escondidas” da arguição pública; complexas porque demandam a coordenação de múltiplos atores e resistentes a falsificação porque argumentam que os conspiradores usam os artifícios da furtividade e da desinformação para encobrir suas ações. Isso faz-se necessário, na medida em que as pessoas que buscam combater as teorias da conspiração, são elas mesmas apontadas como participantes das teorias da conspiração. “*Conspiracy theories appear to provide broad, internally consistent explanations that allow people to preserve beliefs in the face of uncertainty and contradiction*” (p. 539).

Os trabalhos que remetem aspectos relativos à falsidade e desinformação das teorias da conspiração colocam em questão a noção de verdade como uma base moral estruturante da sociedade moderna a partir da discussão da pós-verdade e *fakenews*. Sendo a verdade um elemento cada vez mais discutido e disputado narrativamente, se abre espaços para versões sinuosas e falsas, mas que converge com uma cosmovisão que anseia por isso. Desse modo, essas teorias crescem e encontram adeptos que, a partir das

suas necessidades psicológicas, reforçam e propagam essas “versões” da realidade. Necessidade extensamente debatidas nesse trabalho, que são de ordem: epistêmica, existências e sociais e que dão aos “teóricos” da conspiração segurança psicológica e servem como um esteio para que as suas crenças atuem de diversas formas combatendo a imprevisibilidade e o desconforto próprio da disputa discursiva em sociedade.

Por fim, as teorias da conspiração relativas à saúde têm sido muito difundidas ao longo do tempo e tiveram seu ápice durante o período da pandemia. Os resultados indicam que, nos últimos anos, houve um importante crescimento de estudos acerca do tema, teorias da conspiração com relação a saúde não é uma novidade, mas após um período pandêmico essa dimensão fora impulsionada pelo crescente debate público acerca da doença, do seu diagnóstico, do método de tratamento e das vacinas para o combate. Alguns fatores respondem essa proeminência de teorias da conspiração acerca do COVID-19, são eles: incerteza acerca do futuro, sentimento de impotência frente ao desconhecido, informações oficiais conflitantes, disputas ideológicas, entre outros.

Outrossim, a difusão de informações falsas e os prejuízos por elas causados para a baixa adesão das pessoas, no que se refere aos comportamentos protetivos e preventivos,

nos alertam para um importante debate acerca das influências dessas teorias na vida das pessoas. Nesse sentido, com a difusão de informações e a facilidade posta pela internet e outros meios de comunicação, os indivíduos estão mais propensos a consumirem conteúdos alternativos que divulguem teorias da conspiração e acabem por aderirem a comportamentos contraindicativos. Mota (2023), ao entrevistar Laila Espíndola, diretora da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), resume bem essa ideia ao ressaltar que nos últimos anos, nós “somos sobreviventes do negacionismo científico”.

Por fim, faz-se necessário debruçar-se sobre esse tema a fim de trazer ao corpo social informações capazes de lutar na arena discursiva com essas “teorias” que como fora demonstrado, tem impacto significativo na vida das pessoas.

Referências¹

- Abalakina-Paap, M., Stephan, W. G., Craig, T., & Gregory, W. L. (1999). Beliefs in Conspiracies. *Political Psychology*, 20(3), 637–647. <https://doi.org/10.1111/0162-895x.00160>
- Amanzio, M., Howick, J., Bartoli, M., Cipriani, G. E., & Kong, J. (2020). How Do Nocebo Phenomena Provide a Theoretical Framework for the COVID-19 Pandemic? *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.589884> *
- Andrade, G. (2021). Belief in Conspiracy Theories About COVID-19 Amongst Venezuelan Students: A Pilot Study. *Revista Colombiana de Psicología*, 30(1), 79-88. Epub May 27, 2021. <https://doi.org/10.15446/rcp.v30n1.87357> *
- Barbosa, L. F. (2020). Recusa vacinal e o impacto no ressurgimento de doenças erradicadas. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research*.
- Baeza-Rivera, M. J., Salazar-Fernández, C., Araneda-Leal, L., & Manríquez-Robles, D. (2021). To get vaccinated or not? Social psychological factors associated with vaccination intent for COVID-19. *Journal of Pacific Rim Psychology*, 15, 183449092110517. <https://doi.org/10.1177/18344909211051799> *
- Bertin, P., & Delouvé, S. (2021). Affected more than infected: The relationship between national narcissism and Zika conspiracy beliefs is mediated by exclusive victimhood about the Zika outbreak. *Journal of Pacific Rim Psychology*, 15, 183449092110518. <https://doi.org/10.1177/18344909211051800> *

¹ Nota. Apenas as referências marcadas com * fazem parte do *corpus* analisado.

- Brasil. (2023, março). Há 34 anos, último caso de poliomielite foi registrado no Brasil. gov.br. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/ha-34-anos-ultimo-caso-de-poliomielite-foi-registrado-no-brasil#:~:text=H%C3%A1%2034%20anos%2C%20em%2019,certifica%C3%A7%C3%A3o%20de%20elimina%C3%A7%C3%A3o%20da%20doen%C3%A7a>
- Brotherton, R., & Eser, S. (2015). Bored to fears: Boredom proneness, paranoia, and conspiracy theories. *Personality and Individual Differences*, 80, 1–5. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.02.011>
- Bruder, M., Haffke, P., Neave, N., Nouripanah, N., & Imhoff, R. (2013). Measuring Individual Differences in Generic Beliefs in Conspiracy Theories Across Cultures: Conspiracy Mentality Questionnaire. *Frontiers in Psychology*, 4(225). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00225>
- Casarin, S. T., Porto, A. R., Gabatz, R. I. B., Bonow, C. A., Ribeiro, J. P., & Mota, M. S. (2020). Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health/Types of literature review: considerations of the editors of the Journal of Nursing and Health. *Journal of Nursing and Health*, 10(5).
- Casarões, G., & Magalhães, D. (2021). The hydroxychloroquine alliance: how far-right leaders and alt-science preachers came together to promote a miracle drug. *Revista de Administração Pública*, 55(1), 197–214. <https://doi.org/10.1590/0034-761220200556>
- Cichocka, A., Marchlewska, M., & de Zavala, A. G. (2016). Does Self-Love or Self-Hate Predict Conspiracy Beliefs? Narcissism, Self-Esteem, and the Endorsement of Conspiracy Theories. *Social Psychological and Personality Science*, 7(2), 157–166. <https://doi.org/10.1177/1948550615616170> *
- Coninck David, Frissen Thomas, Matthijs Koen, d’Haenens Leen, Lits Grégoire, Champagne-Poirier Olivier, Carignan Marie-Eve, David Marc D., Pignard-Cheynel Nathalie, Salerno Sébastien, Génereux Melissa. (2021). Beliefs in Conspiracy Theories and Misinformation About COVID-19: Comparative Perspectives on the Role of Anxiety, Depression and Exposure to and Trust in Information Sources. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2021.646394> *
- Constantinou, M., Gloster, A. T., & Karekla, M. (2021). I won’t comply because it is a hoax: Conspiracy beliefs, lockdown compliance, and the importance of psychological flexibility. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 20, 46–51. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2021.03.001> *
- Cookson, D., Jolley, D., Dempsey, R. C., & Povey, R. (2021). “If they believe, then so shall I”: Perceived beliefs of the in-group predict conspiracy theory belief. *Group Processes & Intergroup Relations*, 24(5), 759–782. <https://doi.org/10.1177/1368430221993907> *

- Cruz Junior, G. (2019). Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. *ETD - Educação Temática Digital*, 21(1), 278–284. <https://doi.org/10.20396/etd.v21i1.8652833>
- Davis, J., Wetherell, G., & Henry, P. J. (2018). Social devaluation of African Americans and race-related conspiracy theories. *European Journal of Social Psychology*, 48(7), 999–1010. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2531>
- Domingues, C. M. A. S., Fantinato, F. F. S. T., Duarte, E., & Garcia, L. P. (2019). Vacina Brasil e estratégias de formação e desenvolvimento em imunizações. *Epidemiologia E Serviços de Saúde*, 28, e20190223. <https://doi.org/10.5123/s1679-49742019000200024>
- Donvan, J., & Zucker, C. (2017). *Outra sintonia: a história do autismo*. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- Douglas, K. M., Sutton, R. M., Callan, M. J., Dawtry, R. J., & Harvey, A. J. (2015). Someone is pulling the strings: hypersensitive agency detection and belief in conspiracy theories. *Thinking & Reasoning*, 22(1), 57–77. <https://doi.org/10.1080/13546783.2015.1051586>
- Douglas, K. M., Uscinski, J. E., Sutton, R. M., Cichocka, A., Nefes, T., Ang, C. S., & Deravi, F. (2019). Understanding Conspiracy Theories. *Political Psychology*, 40(S1), 3–35. <https://doi.org/10.1111/pops.12568> *
- Douglas, K., Sutton, R., & Cichocka, A. (2017). The Psychology of Conspiracy Theories. *Current Directions in Psychological Science*, 26(6), 538–542. <https://doi.org/10.1177/0963721417718261> *
- Egorova, M. S., Parshikova, O. V., Chertkova, Y. D., Staroverov, V. M., & Mitina, O. V. (2020). COVID-19: Belief in Conspiracy Theories and the Need for Quarantine. *Psychology in Russia-State of the Art*, 2–25. <https://pesquisa.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/pt/covidwho-994241> *
- Franks, B., Bangerter, A., Bauer M, W., Hall M., Noort M. C. (2017). Beyond “Monologicality”? Exploring Conspiracist Worldviews. *Frontiers in Psychology*, 8. <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2017.00861> *
- Grzesiak-Feldman, M. (2013). The Effect of High-Anxiety Situations on Conspiracy Thinking. *Current Psychology*, 32(1), 100–118. <https://doi.org/10.1007/s12144-013-9165-6>
- Imhoff, R., & Lamberty, P. (2020). A Bioweapon or a Hoax? The Link Between Distinct Conspiracy Beliefs About the Coronavirus Disease (COVID-19) Outbreak and Pandemic Behavior. *Social Psychological and Personality Science*, 11(8), 1110–1118. <https://doi.org/10.1177/1948550620934692> *
- Imhoff, R., & Lamberty, P. K. (2017). Too special to be duped: Need for uniqueness motivates conspiracy beliefs. *European Journal of Social Psychology*, 47(6), 724–734. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2265>

- Jost, J., Ledgerwood, A., & Hardin, C. D. (2008). Shared reality, system justification, and the relational basis of ideological beliefs. *Social and Personality Psychology Compass*, 2, 171-186.
- Juanchich, M., Sirota, M., Jolles, D., & Whiley, L. A. (2021). Are COVID-19 conspiracies a threat to public health? Psychological characteristics and health protective behaviours of believers. *European Journal of Social Psychology*. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2796> *
- Kofta, M., Sedek, G., & Slawuta, P. N. (2011, July). Beliefs in Jewish conspiracy: The role of situation threats to ingroup power and positive image. Paper presented at the 34th International Society of Political Psychology (ISSP) conference, Istanbul, Turkey.
- Lantian, A., Muller, D., Nurra, C., & Douglas, K. M. (2017). "I Know Things They Don't Know!" *Social Psychology*, 48(3), 160–173. <https://doi.org/10.1027/1864-9335/a000306>
- Latkin, C. A., Dayton, L., Moran, M., Strickland, J. C., & Collins, K. (2021). Behavioral and psychosocial factors associated with COVID-19 skepticism in the United States. *Current Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-01211-3> *
- Lazić, A., & Žeželj, I. (2021). A systematic review of narrative interventions: Lessons for countering anti-vaccination conspiracy theories and misinformation. *Public Understanding of Science*, 30(6), 644–670. <https://doi.org/10.1177/09636625211011881> *
- Leibovitz, T., Shamblaw, A. L., Rumas, R., & Best, M. W. (2021). COVID-19 Conspiracy Beliefs: Relations with Anxiety, Quality of Life, and Schemas. *Personality and Individual Differences*, 110704. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.110704> *
- Leman P., & Cinnirella M. (2013). Beliefs in conspiracy theories and the need for cognitive closure. *Frontiers in Psychology*, 4. <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2013.00378>
- Lima, C. M. A. de O. (2020). Information about the new coronavirus disease (COVID-19). *Radiologia Brasileira*, 53(2), V–VI. <https://doi.org/10.1590/0100-3984.2020.53.2e1>
- Lima, M. A., Rodrigues, R. de S., & Delduque, M. C. (2022). Vacinação contra a Covid-19: avanços no setor da saúde no Brasil. *Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário*, 11(1), 48–63. <https://doi.org/10.17566/ciads.v11i1.846>
- Lopes, F., Ramon, J., Lua, I., Fernanda, Fortes, J., Schneider, G., Félix, E., Braz, L., Verônica, S., Reis, A., Maria, T., Camargo, E. R., Oliveira, M., Craveiro, I., Maria, Amélia, I., Aparecida, C., Sousa, I., Cardoso, R., & Simão, M. (2021). Determinants of COVID-19 Vaccine Hesitancy in Portuguese-Speaking Countries: A Structural Equations Modeling Approach. 9(10), 1167–1167. <https://doi.org/10.3390/vaccines9101167>

- Loretto, L., Mastrangelo, G., Stepien, J., Grabowski, J., Meloni, R., Piu, D., Michalski, T., Waszak, P. M., Bellizzi, S., & Cegolon, L. (2021). Attitudes and Perceptions of Health Protection Measures Against the Spread of COVID-19 in Italy and Poland. *Frontiers in Psychology, 12*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.805790> *
- Maftai, A., & Holman, A.-C. (2020). Beliefs in conspiracy theories, intolerance of uncertainty, and moral disengagement during the coronavirus crisis. *Ethics & Behavior, 1–11*. <https://doi.org/10.1080/10508422.2020.1843171> *
- Marques, M. D., Ling, M., Williams, M. N., Kerr, J. R., & McLennan, J. (2021). Australasian public awareness and belief in conspiracy theories: Motivational correlates. *Political Psychology, 43*(1). <https://doi.org/10.1111/pops.12746> *
- Mashuri, A., & Zaduqisti, E. (2014). We believe in your conspiracy if we distrust you: The role of intergroup distrust in structuring the effect of Islamic identification, competitive victimhood, and group incompatibility on belief in a conspiracy theory. *Journal of Tropical Psychology, 4*(11), 1–14. <https://doi.org/10.1017/jtp.2014.11>
- Mcintyre, Lee. (2018) *Post-truth*. Cambridge, MA: MIT Press.
- McKenzie-McHarg, A. (2018). Conspiracy theory: The nineteenth-century prehistory of a twentieth-century concept. In J. E. Uscinski (Ed.), *Conspiracy theories and the people who believe them* (pp. 62–81). New York, NY: Oxford University Press.
- Moser, C., & Yared, P. (2021). Pandemic Lockdown: The Role of Government Commitment. *Review of Economic Dynamics*. <https://doi.org/10.1016/j.red.2021.08.001>
- Mota, C. (2023, June 28). “Somos sobreviventes do negacionismo”, diz diretora de sociedade científica. PT No Senado. <https://ptnosenado.org.br/somos-sobreviventes-do-negacionismo-diz-diretora-de-sociedade-cientifica/>
- Musolff, A. (2022). “World-beating” Pandemic Responses: Ironic, Sarcastic, and Satirical Use of War and Competition Metaphors in the Context of COVID-19 Pandemic. *Metaphor and Symbol, 37*(2), 76–87. <https://doi.org/10.1080/10926488.2021.1932505> *
- Orosz, G., Krekó, P., Paskuj, B., Tóth-Király, I., Bóthe, B., & Roland-Lévy, C. (2016). Changing Conspiracy Beliefs through Rationality and Ridiculing. *Frontiers in Psychology, 7*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01525> *
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., & McGuinness, L. A. (2022). A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. *Epidemiologia E Serviços de Saúde, 31*(2). <https://doi.org/10.1590/s1679-49742022000200033>

- Parsons, S., Simmons, W., Shinhoster, F., & Kilburn, J. (1999). A test of the grapevine: An empirical examination of the conspiracy theories among African Americans. *Sociological Spectrum*, 19(2), 201–222. <https://doi.org/10.1080/027321799280235>
- Paula, L. T. de, Silva, T. D. R. S. da, & Blanco, Y. A. (2018). Pós-verdade e Fontes de Informação: um estudo sobre fake news. *Revista Conhecimento Em Ação*, 3(1), 93–110. <https://doi.org/10.47681/rca.v3i1.16764>
- Pavela Banai, I., Banai, B., & Mikloušić, I. (2021). Beliefs in COVID-19 conspiracy theories, compliance with the preventive measures, and trust in government medical officials. *Current Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-01898-y> *
- Peixoto, V. de M., Leal, J. G. R. P., & Marques, L. M. (2022, December 8). *O impacto do bolsonarismo sobre a cobertura vacinal contra a COVID-19 nos municípios brasileiros*. Preprints.scielo.org. <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/5027> *
- Prichard, E. C., & Christman, S. D. (2020). Authoritarianism, Conspiracy Beliefs, Gender and COVID-19: Links Between Individual Differences and Concern About COVID-19, Mask Wearing Behaviors, and the Tendency to Blame China for the Virus. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.597671> *
- Rezende, A., Gouveia, V., & Moizéis, H. (2021). Crenças em Teorias da Conspiração: uma aproximação desde a Psicologia Social. *Interação em Psicologia*, 25(1). doi: <http://dx.doi.org/10.5380/riep.v25i1.61173> *
- Rudloff, J. P., Hutmacher, F., & Appel, M. (2022). Beliefs About the Nature of Knowledge Shape Responses to the Pandemic: Epistemic Beliefs, the Dark Factor of Personality, and COVID-19-related Conspiracy Ideation and Behavior. *Journal of Personality*. <https://doi.org/10.1111/jopy.12706> *
- Rutjens, B. T., van der Linden, S., & van der Lee, R. (2021). Science skepticism in times of COVID-19. *Group Processes & Intergroup Relations*, 24(2), 276–283. <https://doi.org/10.1177/1368430220981415>
- Schöpfer, C., Abatista, A. G. F., Fuhrer, J., & Cova, F. (2023). “Where there are villains, there will be heroes”: Belief in conspiracy theories as an existential tool to fulfill need for meaning. *Personality and Individual Differences*, 200, 111900. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2022.111900> *
- Silva, R. da. (2021). Habilidades Sociais: uma reflexão sobre os efeitos do isolamento social na pandemia do COVID-19. *Conhecendo Online*, 7(1), 150–168. <https://conhecendoonline.emnuvens.com.br/revista/article/view/113>
- Šrol, J., Čavojská, V., & Ballová Mikušková, E. (2022). Finding Someone to Blame: The Link Between COVID-19 Conspiracy Beliefs, Prejudice, Support for Violence, and Other Negative Social Outcomes. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.726076> *

- Swami, V., Voracek, M., Stieger, S., Tran, U. S., & Furnham, A. (2014). Analytic thinking reduces belief in conspiracy theories. *Cognition*, 133(3), 572–585. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2014.08.006> *
- Sy, A., & Lopresti, E. (2022). Entre los discursos de odio y el miedo: tirar el mal al otro lado de la frontera. *Ciênc. Saúde Colet. (Impr.)*, 603–608. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1356076>
- Thomas, S. B., & Quinn, S. C. (1991). The Tuskegee Syphilis Study, 1932 to 1972: implications for HIV education and AIDS risk education programs in the black community. *American Journal of Public Health*, 81(11), 1498–1505. <https://doi.org/10.2105/ajph.81.11.1498>
- Uscinski, J. E., & Parent, J. M. (2014). *American conspiracy theories*. New York, NY: Oxford University Press.
- Van Prooijen, J. W., & Acker, M. (2015). The Influence of Control on Belief in Conspiracy Theories: Conceptual and Applied Extensions. *Applied Cognitive Psychology*, 29(5), 753–761. <https://doi.org/10.1002/acp.3161>
- Van Prooijen, J. W., & Jostmann, N. B. (2012). Belief in conspiracy theories: The influence of uncertainty and perceived morality. *European Journal of Social Psychology*, 43(1), 109–115. <https://doi.org/10.1002/ejsp.1922>
- Van Prooijen, J.-W., & Douglas, K. M. (2017). Conspiracy theories as part of history: The role of societal crisis situations. *Memory Studies*, 10(3), 323–333. <https://doi.org/10.1177/1750698017701615> *
- Van Prooijen, J. W., Douglas, K. M., & De Inocencio, C. (2017). Connecting the dots: Illusory pattern perception predicts belief in conspiracies and the supernatural. *European Journal of Social Psychology*, 48(3), 320–335. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2331> *
- Vitriol, J. A., & Marsh, J. K. (2018). The illusion of explanatory depth and endorsement of conspiracy beliefs. *European Journal of Social Psychology*, 48(7), 955–969. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2504>
- Waisbord, S. (2020). Fake health news in the new regime of truth and (mis)information. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde*, 14(1).
- Wang, X., Zuo, S.-J., Chan, H.-W., Chiu, C. P.-Y., & Hong, Y. (2021). COVID-19-related conspiracy theories in China. *Journal of Pacific Rim Psychology*, 15, 183449092110349. <https://doi.org/10.1177/18344909211034928> *
- Wolter, R. M. C. P., Oliveira, F. da C., Peixoto, A. R. S., Santin, T. R., Gomes, A. M. T., Dutra, J. O., Reis, A. C. L. O., & Silva Pinto, H. M. S. e. (2022). Boatos em forma de fake news na pandemia da Covid-19: teorias da conspiração, verdades alternativas e

conselhos bondosos. *Estudos De Psicologia (Natal)*, 26(2), 207–218.
<https://doi.org/10.22491/1678-4669.20210020>

Wood, M. J., & Douglas, K. M. (2015). Online communication as a window to conspiracist worldviews. *Frontiers in Psychology*, 6. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.00836> *

Xiao, X., Borah, P., & Su, Y. (2021). The dangers of blind trust: Examining the interplay among social media news use, misinformation identification, and news trust on conspiracy beliefs. *Public Understanding of Science*, 30(8), 096366252199802. <https://doi.org/10.1177/0963662521998025> *

Yamakawa, E. K., Kubota, F. I., Beuren, F. H., Scalvenzi, L., & Miguel, P. A. C.. (2014). Comparativo dos softwares de gerenciamento de referências bibliográficas: Mendeley, EndNote e Zotero. *Transinformação*, 26(2), 167–176. <https://doi.org/10.1590/0103-37862014000200006>

Zhai, Y., & Yan, Z. (2022). Political Ideology, Ingroup Favoritism, and Conspiratorial Thinking: Patriotism, Nationalism, and COVID-19 Conspiracy Theories. *Psychological Reports*, 003329412210797. <https://doi.org/10.1177/00332941221079727>*